

Keynesianismo 'cucaracha'

09 AGO 1995

CÉSAR FONSECA JORNAL DE BRASÍLIA

Depois de executar o seu plano neoliberal, alinhamento automático ao Consenso de Washington, abertura comercial e privatização acelerada, o governo Carlos Menem colheu dois resultados espetaculares, o primeiro, positivo, queda abrupta da inflação e, naturalmente, sua reeleição, o segundo, negativo, expansão, também abrupta, do desemprego, sua agonia.

Conclusão: neoliberalismo controla preços, mas não gera postos de trabalho. Xequemate. Como criar novos empregos? Esse é o maior desafio da economia capitalista neste final de século. São 800 milhões de desocupados, segundo a ONU. Nos países desenvolvidos, a taxa de desemprego na população entre 25 e 35 anos é superior a 20% (França), 15% (Inglaterra), 18% (Itália), 26% (Espanha), etc.

No Brasil, oficialmente ela está abaixo de 6%, mas 57% da população economicamente ativa não têm carteira assinada (IBGE), 50% da arrecadação é sonegada devido à informalização econômica generalizada. Na Argentina, 18,6% estão no olho da rua. Na periferia de Buenos Aires, mais de 20% vagam desorientados sem esperança no futuro. Buscam agora socorro nos OVNI's como alternativa de vida.

Menem, depois de experimentar o neoliberalismo, tenta o oposto deste, o **keynesianismo** para vencer o desemprego. Lançou um programa de obras públicas no qual pretende gastar 10 bilhões de dólares. De onde virá o dinheiro? Do setor privado, responde Cavallo. O governo está totalmente falido e não pode, porque o plano de conversibilidade não deixa, gastar para puxar a demanda global, como em outros tempos.

O **keynesianismo** de Menem, portanto, se vingar, tende a ser bastante original, tocar obras públicas com dinheiro do setor privado, que, naturalmente, vai cobrar pedágio sobre tudo. Pedágio pela utilização do aeroporto a ser construído sobre o rio da Prata (delírio menemista, que quer repetir o feito dos japoneses que construíram, com dinheiro público, um gigantesco aeroporto sobre a baía de Tóquio), pedágio sobre a ponte Argentina-Uruguai, pedágios esses que se somarão a todos os demais pedágios (escola, saúde, previdência, lazer e até segurança) cobrados do contribuinte.

O Estado deixa de investir porque esgotou sua capacidade de endividamento, e abre as portas ao setor privado, que cobrará por tudo que oferecer ao cidadão. O problema é que este, nas águas do neoliberalismo, tendo que pagar por todos os serviços que estão sendo privatizados, terá, com certeza, sua renda disponível bastante diminuída pa-

ra gastar no consumo que gira o capitalismo.

Releve-se o fato de que essa estratégia de privatizar a infra-estrutura nacional está fracassando espetacularmente no México. Estimulados pelo ex-presidente Salinas, campeão mundial do neoliberalismo, os bancos mexicanos emprestaram rios de dinheiro a empreiteiras que construíram estradas cuja exploração comercial fariam via cobrança de pedágios. A receita, porém, não está sendo suficiente. Resultado: os bancos, falindo, batem às portas do tesouro mexicano, falido, para reaver o prejuízo.

Vai dar certo o **keynesianismo** "cucaracha" de Menem? Ora, quem vai construir as estradas? As empreiteiras, com dinheiro de quem? Dos bancos, nacionais, que estão no prego, ou internacionais, que só querem saber de mamar nos juros altos que sustentam os planos de estabilização latino-americanos? Quem vai dar a garantia necessária aos investidores em obras públicas se o retorno proporcionado pelos pedágios for insuficiente, como ocorre, no momento, no México?

O **keynesianismo** deu certo porque sustentou a demanda capitalista a partir dos anos 30, quando o neoliberalismo, que durou de 1876 a 1929, deu com os burros n'água, no estouro da Bolsa de Nova York. O auge neoliberal chegou ao fim, segundo Keynes, devido à superacumulação de capital, tanto na Inglaterra como nos Estados Unidos, que reduziu a praticamente zero a taxa de lucro das empresas, levando a economia à deflação. O desemprego explodiu na Europa e nos Estados Unidos.

Os governos tiveram que deixar de lado a economia de mercado, o *laissez-faire* puro, sustentado pelo padrão-ouro (hoje ressuscitado na latino-americana sob pressão dos Estados Unidos, Argentina com a conversibilidade peso-dólar, Brasil com as bandas cambiais garantidas, até quando?, pelo Banco Central) e caíram nos braços da teoria keynesiana, que lhes possibilitaram ampliar os gastos públicos sem se preocuparem com o equilíbrio orçamentário, a partir do poder de emitir moeda inconversível, o *statemoney*, do qual Roosevelt, na década de 30, com o *new deal*, lançou mão para tirar da crise a economia norte-americana e alavancá-la rumo à liderança mundial nos anos seguintes.

Keynes é considerado, por isso, o maior economista do século. A superacumulação de capital que havia levado a quase zero a taxa de lucro deu lugar a uma nova expansão proporcionada pelo aumento sem limite dos gastos públicos. Assim, ao gastar acima da sua receita tributária, os governos fizeram da

inflação, que reduz salários e aumenta a taxa de lucro das empresas, o instrumento redinamizador da economia deflacionada, agora não mais a partir dos bens duráveis, mas das não-mercadorias insumíveis, apenas adquiridas pelo governo, estradas, hidrelétricas, metrô e os produtos bélicos-espaciais, enfim, a economia de guerra como dinamizador do sistema. Keynes concluiu: "A inflação é a unidade das soluções". Com ela revigorou-se o capitalismo.

Keynes fez escola no mundo. A Cepal, sob o comando de Raul Prebisch, importou o **keynesianismo** social-democrata, formador do pensamento de FHC, e vendeu-o, com sucesso, aos governos latino-americanos, a partir dos anos 40. Vargas, Perón etc, os militares pós-64, todos utilizaram larga os gastos governamentais para puxar a demanda global. Vargas, Companhia Siderúrgica Nacional, Petrobrás, Varig, etc. Peron, YPF, Aerolíneas Argentina, Ferrovias etc. Getúlio, getulismo, Perón, peronismo, ambos, nas águas do déficit público dinamizador do sistema econômico, assim como Roosevelt, nos EUA, Hitler, na Alemanha, Mussolini, na Itália e Stálin, na URSS, transformaram-se em ídolos dos seus contemporâneos.

A estratégia keynesiana, contudo, encontrou no endividamento público excessivo os seus limites, e a onda neoliberal ressuscitou-se no mundo inteiro, a partir de Thatcher, na Inglaterra, apesar de não ter mostrado, ainda, capacidade de vencer o fantasma do desemprego. Nos Estados Unidos, onde o déficit público supera os 300 bilhões de dólares, o déficit comercial, os 100 milhões, a dívida pública interna, os 3 trilhões de dólares e a dívida total da comunidade, os 10 trilhões de dólares, podendo chegar, ao ano 2000, segundo o historiador Paul Kennedy, aos 20 bilhões de dólares, a estratégia keynesiana-social-democrata, antes a solução, transformou-se em problema. Na Europa, *idem*. FHC ouviu de um professor português, em Coimbra, que a social-democracia é uma canoa furada.

Os gastos governamentais, porém, continuam se expandindo, nos Estados Unidos, apesar das brigas entre os democratas e os republicanos. Liberalismo? Só para uso externo.

Mas Menem e Cavallo dizem ter a forma de ressuscitar Keynes de maneira vigorosa — gastos públicos financiados pelo setor privado em troca da cobrança de pedágio. Será possível? É esperar pra ver.

■ César Fonseca, jornalista, dirige empresa de consultoria e planejamento estratégico